

2 - Uma análise sócio-histórico-linguística da posição dos clíticos pronominais em textos jornalísticos paulistanos (1880-1920)

Caroline Carnielli Biazolli

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

BIAZOLLI, CC. Uma análise sócio-histórico-linguística da posição dos clíticos pronominais em textos jornalísticos paulistanos (1880-1920). In: COSTA, DS., org. *Pesquisas linguísticas pautadas em corpora* [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2014, pp. 51-84. ISBN 978-85-68334-41-6. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

2

UMA ANÁLISE

SÓCIO-HISTÓRICO-LINGUÍSTICA

DA POSIÇÃO DOS CLÍTICOS PRONOMINAIS

EM TEXTOS JORNALÍSTICOS PAULISTANOS

(1880-1920)¹

Caroline Carnielli Biazolli²

Introdução

O presente estudo, sob a perspectiva da Sociolinguística Variacionista e da Linguística Histórica, debruçou-se sobre o estudo da posição dos pronomes clíticos, utilizando-se, como matriz das análises, produções jornalísticas elaboradas no final do século XIX e início do século XX, particularmente entre os anos de 1880 a 1920, e oriundas da cidade de São Paulo. Observou-se o comportamento desses pronomes, em contextos de um ou mais de um verbo – sabe-se que, adjuntos a um único verbo, os pronomes átonos podem ocupar as posições proclítica, mesoclítica ou enclítica e, adjungidos a um complexo verbal, podem se alternar nas posições pré-complexo verbal (cl V1 V2), intracomplexo verbal (V1 cl V2) ou pós-complexo verbal (V1 V2 cl) –, a fim de que se permitisse, além de contribuir com a

1 Este capítulo contempla algumas das questões discutidas em Biazolli (2010) – dissertação de mestrado, defendida em 2010, na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), *campus* de Araraquara, sob a orientação da professora Rosane de Andrade Berlinck e financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) (Processo 08/51935-1).

2 Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp, *campus* de Araraquara.

descrição da história do Português Brasileiro (doravante PB) e da variedade paulista, averiguar as preferências de colocação, modificadas, consoante outras pesquisas apontam, num curto intervalo de tempo.

Baseado na proposta teórico-metodológica da Teoria da Variação e Mudança Linguísticas (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov, 1982; 1994; 2001; 2008 [1972]), este estudo considerou fundamental um levantamento dos possíveis elementos condicionadores, extralinguísticos e linguísticos, que estivessem, desde o período observado, a controlar os usos alternados da colocação dos clíticos pronominais. Inseriu-se, no âmbito dos aspectos extralinguísticos elencados, considerações pertinentes acerca dos gêneros textuais, remetendo-se, assim, a pesquisa em questão, também a conceitos referentes a essa esfera de reflexão.

A opção por um estudo que se concentrasse na análise de um material linguístico produzido nos últimos anos do século XIX e nos primórdios do século XX se justificou, por um lado – seguindo a concepção de que linguagem e sociedade ou, mais precisamente, língua, cultura e sociedade estão relacionadas –, pelos relevantes acontecimentos sociais, culturais, históricos e políticos que marcaram, naquela época, o plano nacional e inclusive a cidade e o estado de São Paulo; e, por outro, pela importância em se verificar a nítida predominância, em relação a um só verbo, da ênclise no século XIX, sendo substituída, no século XX, pela próclise – tida como a forma mais produtiva do PB atual –, e o caráter inovador do PB, quanto aos complexos verbais, no século XX, com a próclise ao segundo verbo – aspectos já destacados em outros relevantes trabalhos.

Embora se tenha reconhecido a tendência conservadora da linguagem escrita, assinalando influências, mesmo que discretas, da modalidade falada na modalidade escrita, esperava-se, no período selecionado, encontrar dados que apontassem uma convivência relevante entre as diferentes colocações dos pronomes átonos – inclusive, usos que fossem de encontro às prescrições da norma-padrão vigente naquela época, revelando traços próprios do PB. Isso porque o material utilizado, os jornais, pode concentrar, através da linguagem, o que há de maior prestígio sociocultural. E, também,

porque, pelo seu dinamismo e pela necessidade de criar certa identidade com o leitor (a ponto de refletir, aceitar e incorporar o uso que ele faz), possibilita a manifestação de distintas variantes linguísticas não padrão. Ainda que determinados fatos apontem para uma norma brasileira fortemente enraizada no modelo europeu, não se pode deixar de declarar que o final do século XIX continuou a ser um momento de afirmação nacional e que os falantes do PB já possuíam sua própria variedade, sua própria gramática.

Em relação aos gêneros textuais, adotando-se a posição de que o domínio discursivo jornalístico, em particular o jornal, é composto por vários gêneros textuais, identificados a partir das dimensões que se referem à função e à organização, entre outras, projetou-se a ideia, quanto à colocação pronominal, de usos diversificados relacionados, frontalmente, com os gêneros em que os pronomes clíticos estavam inseridos – cabe lembrar que os textos são as materializações dos gêneros. Supôs-se, de forma geral, segundo as particularidades de cada gênero, a observação, nesses textos, ora do domínio da ênclise (a um único verbo) e da posição pré-complexo verbal (relacionada a mais de um verbo), tidas como as formas linguísticas conservadoras, ora de um uso mais acentuado da posição pré-verbal, quando o pronome estivesse unido a apenas um verbo, e intraverbal, quando investigados complexos verbais, consideradas as formas linguísticas inovadoras.

A seguir, visando ao acréscimo de mais informações aos estudos da posição dos pronomes clíticos, são apresentadas as orientações teóricas que nortearam o desenvolvimento deste estudo, os parâmetros utilizados para as análises dos dados coletados e os resultados alcançados.

Fundamentos teóricos: variação e mudança linguísticas e gêneros textuais

Na sequência, detalham-se as abordagens adotadas neste trabalho; isto é, discutem-se pressupostos da Teoria da Variação e

Mudança Linguística e noções fundamentais acerca dos gêneros textuais, inclusive dos gêneros presentes nos jornais.

Pressupostos da Sociolinguística Variacionista: a primazia da dimensão sócio-histórica na investigação da língua

Na Sociolinguística, oferece-se ao falante não um sistema unitário e imutável, que se impõe irredutivelmente, mas um sistema sobre o qual o falante, de acordo com a prática linguística em questão, seleciona, entre as variedades existentes, a que deseja utilizar. Há a concepção da heterogeneidade, opondo-se, inclusive, à visão anterior de que a comunidade de fala é normalmente homogênea. Resgata-se, também, sob essa perspectiva, a historicidade, isto é, o processo histórico de constituição da língua.

Embora algumas pesquisas já houvessem sido realizadas, ou estavam sendo, foi com os estudos da comunidade de Martha's Vineyard (dissertação de mestrado – 1962) e da estratificação social do inglês falado em Nova Iorque (tese de doutorado, publicada em 1966), de William Labov, que se estabeleceram as bases teórico-metodológicas da pesquisa Sociolinguística Variacionista e, assim, pôde-se reabrir a questão da mudança linguística, muitas vezes descartada, segundo a corrente teórica em voga.

Deve estar claro, quanto à mudança linguística, que não há interpretações únicas. Os julgamentos dependerão da orientação teórica adotada. As concepções que apreendem a língua como resultado de um longo e ininterrupto processo histórico, motivado, entre outros, por aspectos sociais, como é o caso da Sociolinguística, tomam a mudança linguística como “um processo contínuo e o subproduto inevitável da interação linguística” (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968], p.87). Nessa perspectiva, procura-se acompanhar a história social e cultural dos falantes, correlacionando-a com a história da língua, buscando sempre realizar o encaixamento estrutural e social dos fenômenos da mudança. Segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p.36),

A chave para uma concepção racional da mudança linguística – e mais, da própria língua – é a possibilidade de descrever a diferenciação ordenada numa língua que serve a uma comunidade. [...] Um dos corolários de nossa abordagem é que numa língua que serve a uma comunidade complexa (i.e., real), a *ausência* de heterogeneidade estruturada é que seria disfuncional.

Em muitos estudos sociolinguísticos, e em particular neste, adota-se, portanto, a Teoria da Variação e Mudança Linguísticas, proposta por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) e Labov (1982; 1994; 2001; 2008 [1972]).

Destaca-se que qualquer parte da língua pode mudar, desde aspectos fonéticos até aspectos de sua organização semântica e pragmática. Podem ocorrer isoladas, mas também podem estar inter-relacionadas. Mesmo que os falantes não as percebam, as mudanças sempre estão ocorrendo. Às vezes, podem se dar de forma discreta, abrupta – uma mudança simultânea de gramática por parte de um grande número de falantes, apesar da improbabilidade desse acontecimento –, mas a maioria das investigações mostra que se dão de forma lenta e gradual. Nota-se que a variação – condição essencial para que se dê a mudança – ocorre, justamente, quando duas ou mais variedades passam a se confrontar dialeticamente no universo das relações sociointeracionais. Cabe ainda mencionar que, embora seja uma das características da mudança a sua regularidade, esta se apresenta relativizada. Os processos de mudança são complexos, não sendo, em alguns casos, uniforme a sua difusão, tanto no interior da língua quanto entre os diversos grupos de falantes.

Embora inicialmente grande parte dos estudos variacionistas tenha abordado apenas os sons da língua – isso se deve às próprias características das variações no nível fonético, que são, usualmente, mais frequentes que fenômenos de natureza sintática ou morfológica e que não envolvem relações de significado lexical ou gramatical –, para que a Teoria da Variação e Mudança Linguísticas contribua ao estudo da língua em seu contexto social, assim como esclarece

Labov (2008 [1972]), todos os tipos de variação, nos níveis fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico, lexical e pragmático da língua, merecem atenção e devem ser investigados.

Quando o estudo se circunscreve às premissas da Sociolinguística Variacionista, considera-se a variabilidade inerente ao fenômeno linguístico, como já mencionado. No entanto, necessita-se ir além desse reconhecimento; observações minuciosas das correlações entre as variedades linguísticas e fatores sociais, geográficos e estilísticos devem ser feitas. Como afirmam Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p.107): “Certamente não basta apontar a existência ou a importância da variabilidade: é necessário lidar com os fatos de variabilidade com precisão suficiente para nos permitir incorporá-los em nossas análises da estrutura linguística”. Buscando sintetizar a proposta da perspectiva adotada, é possível assegurar que língua e variabilidade estão essencialmente ligadas, e que a

Sociolinguística encara a diversidade linguística não como um problema, mas como uma qualidade constitutiva do fenômeno linguístico. Nesse sentido, qualquer tentativa de buscar apreender apenas o invariável, o sistema subjacente – se valer de oposições como “língua e fala”, ou competência e *performance* – significa uma redução na compreensão do fenômeno linguístico (Alkmim, 2001, p.33).

Gêneros: conceitos, conflitos e outras características

Segundo Bakhtin (1992 [1979], p.279),

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais –, mas também, e sobretudo, por sua construção

composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolúvelmente no *todo* do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*.

Nota-se que as reflexões bakhtinianas se originam a partir da concepção, imprescindível àqueles que consideram a perspectiva sócio-histórica e dialógica da língua, da interconexão entre a utilização da linguagem e as atividades humanas. Assim, “os enunciados devem ser vistos na sua função no processo de interação” (Fiorin, 2008, p.61).

Quanto às três partes que constroem o todo que constitui o enunciado, Fiorin (ibidem, p. 62) as esclarece considerando que:

O conteúdo temático não é o assunto específico de um texto, mas é um domínio de sentido de que ocupa o gênero. [...] A construção composicional é o modo de organizar o texto, de estruturá-lo. [...] O ato estilístico é uma seleção de meios linguísticos. Estilo é, pois, uma seleção de certos meios lexicais, fraseológicos e gramaticais em função da imagem do interlocutor e de como se presume sua compreensão responsiva ativa do enunciado.

Hoje, fundamentadas na herança bakhtiniana, sobressaem-se, nos planos nacional e internacional, diversas perspectivas teóricas que, de acordo com os seus objetivos, lidam diferentemente com a questão dos gêneros.

Assentou-se, neste trabalho, que os gêneros textuais são fenômenos históricos, vinculados à vida cultural e social, concretizados através da linguagem (Marcuschi, 2005, 2006, 2008). São interativos, nunca surgem num grau zero, já que são condicionados por outros. Pode-se dizer, por representarem as mais diversas atividades comunicativas, que a classificação dos gêneros não é feita

de modo exato e fácil, a ponto de sua identificação parecer difusa e aberta. “Os gêneros textuais são dinâmicos, de complexidade variável e não sabemos ao certo se é possível contá-los todos, pois, como são sócio-históricos e variáveis, não há como fazer uma lista fechada, o que dificulta ainda mais sua classificação” (idem, 2008, p.159). Embora seja complicado nomear cada gênero textual, as denominações não são criações individuais, mas rótulos constituídos histórica e socialmente.

Em meio às observações de Bakhtin (1992 [1979]), relidas e utilizadas pelos estudos posteriores, como já citado, também está a variedade dos gêneros, considerada vasta e justificada pelo fato dos gêneros variarem conforme as circunstâncias, a posição social e o relacionamento pessoal entre os interlocutores.

Outro ponto a ser ressaltado, em relação à produção dos gêneros textuais, para também melhor compreendê-los, é que, embora alguns sejam tidos como entidades flexíveis, em certo grau, também os usuários de fazer escolhas totalmente livres. De acordo com Marcuschi (2008, p.156), “[...] os gêneros têm uma identidade e eles são entidades poderosas que, na produção textual, nos condicionam a escolhas que não podem ser totalmente livres e aleatórias, seja sob o ponto de vista do léxico, grau de formalidade ou natureza dos temas”. Desse modo, apropriados a suas especificidades, por um lado, estão abertos a opções, estilo, criatividade e variação e, por outro, impõem restrições e padronizações, “[...] já que estamos imersos numa sociedade que nos molda sob vários aspectos e nos conduz a determinadas ações” (ibidem, p.162).

A possibilidade de optar por formas menos ou mais estandarizadas pode se referir ao fato de os gêneros se distribuírem pela oralidade e pela escrita num contínuo, desde os mais informais aos mais formais e em todos os contextos e situações da vida cotidiana. Assim, os gêneros ligados à esfera privada podem ser menos marcados à orientação formal e os gêneros destinados à esfera da vida pública podem estar mais condicionados por valores normativos, distanciando-se, em medidas cada vez maiores, da informalidade. Verifica-se, em certos casos, que alguns chegam a ser rígidos.

Observa-se, diante do rico conteúdo envolvido pelo estudo dos gêneros textuais, que suas reflexões se tornaram, atualmente, indispensáveis àqueles que anseiam estudar a linguagem, ainda que pelas óticas mais diversas. Assim, por apresentar propriedade multidisciplinar, o estudo dos gêneros pode englobar uma análise do texto e do discurso e uma descrição da língua e visão da sociedade, e ainda tentar responder a questões de caráter sociocultural no uso da língua de maneira geral.

Os gêneros textuais como subsídios para pesquisas sociolinguísticas – contribuição e relevância

As investigações que se reportam a períodos mais remotos da língua podem fazer uso, para coleta e análise de dados, apenas, de documentos escritos. Todavia, embora a escrita presente, por sua história e funções sociais, uma realidade mais estável e permanente que a língua falada, pode-se considerar que os textos escritos, assim como as produções orais, variam de acordo com suas finalidades e condições de criação, podendo abranger desde os que representam um estilo mais informal³ até os que se encaixam num estilo mais formal.⁴ Para identificá-los, portanto, deve-se levar em conta quem os produz, a quem são destinados e, primordialmente, em quais contextos se materializam.

Segundo Labov (2008 [1972], p.91),

Os linguistas sempre tiveram consciência dos problemas de variação estilística. A prática normal é pôr essas variantes de lado – não porque sejam consideradas menos importantes, mas porque as técnicas da linguística são tidas como inadequadas e insuficientes para lidar com elas. [...] Uma vez que a influência do condicionamento estilístico sobre o comportamento linguístico é considerada meramente estatística, ela leva à afirmação de probabilidade

3 Nota-se, no estilo informal, por parte do falante/escritor, o grau mínimo de atenção dada às formas empregadas.

4 Quanto ao estilo formal, verifica-se o contrário. Há um maior monitoramento das formas linguísticas utilizadas.

mais do que de regra e é, portanto, desinteressante para muitos linguistas.

No entanto, em sua tese de doutoramento – *The social stratification of english in New York*, de 1966, como já informado acima –, ao analisar as variáveis fonológicas, num total de cinco, além de relacionar o uso de suas variantes a aspectos linguísticos e a determinadas questões sociais, Labov salienta a importância de observar suas realizações nos mais diversos estilos. Para isso, lista os seguintes *estilos contextuais*: casual, cuidadoso, leitura, lista de palavras e pares mínimos (ver Labov, 2008 [1972]). Assim como nesse estudo de Labov, alguns estudos sociolinguísticos recentes, que trabalham com a modalidade falada, têm mostrado – embora não se utilizando, na íntegra, da lista de estilos contextuais estabelecida por Labov (1966) – que há certa tendência à correlação entre situações informais e o uso preferencial de variantes não padrão, já que esses contextos pressupõem menor atenção à produção dos enunciados; por outro lado, em contextos mais formais, em que a monitoração ao uso da língua é maior, constata-se a ocorrência mais frequente de formas padrão.

Para verificar se essas relações também estão presentes em textos escritos, fonte de extração dos dados que remetem à reconstrução da história da língua, deve-se considerar a noção de *gêneros textuais*. À medida que os textos materializam os gêneros, torna-se possível, após caracterizá-los formal e funcionalmente, averiguar se o uso das variantes – inovadoras e conservadoras –, de determinada variável, condiz com a tendência apontada pelos estudos que lidam com a língua falada. Sugere-se que a análise seja feita a partir de vários gêneros, para que o contraste – entre a frequência de formas estigmatizadas e a ocorrência de formas de prestígio, de acordo com as especificidades de cada gênero textual – seja mais bem visualizado.

Ademais, tem-se que as mudanças que se efetuam nos gêneros textuais são indissociáveis das mudanças da vida social, que, por sua vez, entre outros aspectos, condicionam as mudanças na língua.

Logo, consideram-se complexas e pertinentes as relações entre variação e mudança linguísticas e gêneros textuais.

Os gêneros do jornal

O estudo dos gêneros jornalísticos, há um bom tempo, além de propiciar informações relevantes para os profissionais da área do jornalismo e fornecer recursos para aqueles que buscam aprofundar seus conhecimentos a respeito do tema, tem despertado grande interesse nos estudiosos que se dedicam aos fatos da língua, por serem reconhecidos como uma rica fonte de extração e análise de dados. Entretanto, apesar dessa longa história, pouco se sabe, de forma sistemática, sobre os gêneros do jornal. Há, no jornal, um contínuo expositivo, o que dificulta estabelecer as delimitações entre os gêneros que o formam. De acordo com Bonini (2006, p.65),

A vagueza nas fronteiras intergêneros pode ser observada de dois pontos de vista: o estrutural e o semântico-pragmático. O estrutural, neste caso, diz respeito ao modo como o jornal se organiza e o semântico-pragmático corresponde ao modo como os textos são enunciados.

Deve-se mencionar, ainda, que nos jornais do século XIX e início do século XX nem sempre são aplicáveis os tipos de gêneros descritos para os jornais atuais. Observa-se, portanto, que as discussões sobre esses aspectos ainda são preliminares. No entanto, ressalta-se que, embora sofram alterações com o tempo, as especificações dos gêneros não são dispensáveis; ao contrário, são importantes para que sejam compreendidos quais os gêneros vigentes e quais as perspectivas jornalísticas de determinada época.

Em um jornal, percebe-se também, como dito anteriormente, de acordo com os recursos linguísticos utilizados e a função comunicativa almejada, que nos textos, representantes dos gêneros, podem se concentrar variantes linguísticas padrão e não padrão.

Para Bonini (2004), o jornal deve ser considerado um gênero que abriga outros, isto é, um hipergênero, porque preenche ques-

tos como propósitos comunicativos próprios, organização textual característica, embora ainda não conhecida em seus detalhes, e produtores e receptores definidos. Para ele (idem, 2003, p.72), “sendo o gênero um material signico relativamente compartilhado entre os membros de determinada comunidade, e que, tendo o jornal a mesma propriedade signica do gênero, ele seria também um tipo de gênero [...]”.

Análise dos dados: o *corpus* e as variáveis (dependentes e independentes)

Em seguida, discorre-se a respeito da constituição do *corpus* escolhido como matriz das análises, do envelope de variação considerado – por se tratar de um estudo circunscrito às premissas da Sociolinguística Variacionista – e dos elementos condicionadores, extralinguísticos e linguísticos, indicados como possíveis motivadores para a utilização de determinada variante.

A constituição do *corpus*: jornais paulistanos em foco

O *corpus* de análise desta investigação foi constituído por textos escritos que compunham determinado periódico da cidade de São Paulo, no período de 1880 a 1920. Foi observado o jornal *A Província de São Paulo*, que, a partir de 1890, renomeado, passa a ser *O Estado de São Paulo*.

Reforça-se aqui, novamente, a opinião defendida no presente estudo de que nos periódicos, por serem formados por vários gêneros textuais, que podem ocorrer como formas rígidas ou inovadoras ou mistas, há a convivência de formas linguísticas padrão e não padrão. Desse modo, os textos presentes nos jornais são materiais relevantes para estudos de variação e mudança linguísticas.

Coletaram-se, *a priori*, todas as sentenças que apresentavam o clítico pronominal, observando-se todos os gêneros que compunham o jornal.

Excluíram-se das análises as ocorrências obtidas em folhetins, em poesias – encontradas em número restrito – e em textos republicados de outros jornais. Interessava a esta investigação a escrita procedente daqueles que representavam o jornal averiguado e, também, de seus leitores.⁵

Pelo cunho teórico, pelos objetivos e pelo fenômeno linguístico abordado neste estudo, desenvolveu-se a análise de um exemplar, em sua totalidade, de cinco em cinco anos. Os exemplares foram examinados minuciosamente, registrando-se, de acordo com o avanço dos anos, modificações em suas estruturas e funções comunicativas, refletindo-se, de forma justificável, também, na aparição de outros gêneros textuais, não identificados nos primeiros exemplares estudados.

Para a constituição deste *corpus*, cabe citar, enfrentaram-se situações distantes da ideal, como exemplares microfilmados em péssimo estado de leitura. Contudo, através da “arte de fazer o melhor uso de maus dados”, (Labov, 1994, p.11)⁶ foi possível vislumbrar a riqueza, sob muitos aspectos, do material coletado.

As variáveis dependentes: próclise x ênclise / cl V1 V2 x V1 cl V2 x V1 V2 cl

A variação linguística constitui fenômeno universal. Às formas em variação, dá-se o nome de *variantes*. As variantes linguísticas são, portanto, as diversas formas alternativas de se dizer a mesma coisa, em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade.⁷

5 Ainda foram encontrados, porém excluídos das análises, 59 dados de mesóclise e 34 construções que apresentavam mais de um pronome clítico adjungido ao verbo, ou ao complexo verbal, ou, no caso das lexias verbais simples, continham um elemento interveniente entre o clítico pronominal e o verbo hospedeiro.

6 “[...] *art of making the best use of bad data*”, tradução nossa.

7 Deve-se frisar, no entanto, que as variantes são idênticas em valor de verdade ou referencial, mas se opõem em sua significação social e/ou estilística (Labov, 1982; 2001; 2008 [1972]).

Em conjunto, configuram um fenômeno variável, nomeado, tecnicamente, como *variável dependente*. Assim, como variáveis dependentes, foram consideradas as seguintes estratégias de realização do clítico pronominal na oração:

– Quando adjungido a uma lexia verbal simples
Clítico em posição pré-verbal (próclise):

(01) Assim promette na medida progressiva de suas forças auxiliar ao commercio, á lavoura, ás artes, industrias, sciencias; e literatura, tratando os assumptos que *lhes digam* respeito, e abrindo espaço a todos os talentos e aptidões que em suas paginas queiram apparecer. (*A Província de São Paulo*, São Paulo, 1880 – gênero Editorial)

Clítico em posição pós-verbal (ênclise):

(02) *Recommenda-se* tambem a Cerevisina para o tratamento do acne [...]. (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 1905 – gênero Anúncio)

– Quando adjungido a um complexo verbal
Clítico em posição pré-complexo verbal (cl V1 V2):

(03) [...] a << Província de São Paulo >> ha conseguido cobrir a sua despeza com a receita, o que *lhe tem proporcionado* uma carreira livre e desassombrada dos perigos que cercam as emprezas jornalisticas entre nós. (*A Província de São Paulo*, São Paulo, 1880 – gênero Editorial)

Clítico em posição intracomplexo verbal (V1 cl V2):

(04) Na <garden-party> *fez-se ouvir* o bello grupo de amadores musicaes [...]. (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 1910 – gênero Notícia)

Clítico em posição pós-complexo verbal (V1 V2 cl):

(05) *Se quiserem vender-lhes qualquer limonada purgativa em lugar do Pó Rogé, desconfiem [...]. (O Estado de São Paulo, São Paulo, 1905 – gênero Anúncio)*

Definiram-se como complexos verbais quaisquer tipos de construções que apresentassem dois verbos e em que o último deles era uma forma não finita. Cabe destacar, ainda, que não foram consideradas características prosódicas para a verificação das posições dos clíticos pronominais.

As variáveis independentes

A cada variante correspondem certos contextos que a favorecem – *variáveis independentes*. Assim, as variáveis independentes ou grupos de fatores podem ser de natureza externa ou interna à língua.

As variáveis independentes extralingüísticas

Nesta pesquisa, no conjunto de variáveis externas à língua, reuniram-se fatores sociais (ano do exemplar) e contextuais (grau de formalidade, através da reflexão acerca dos gêneros textuais). Aqueles se referiam a aspectos sócio-históricos; estes, a características circunstanciais que envolviam o evento de fala.

Quanto aos gêneros textuais, foram averiguados os seguintes: *edita*, *notícia*, *aviso*, *anúncio*, *classificado*, *editorial*, *artigo*, *resenha* ou *crítica*, *crônica*, *carta do leitor*, *nota e comentário*.

As variáveis independentes lingüísticas

Os condicionamentos lingüísticos, aqui, apresentam-se, em relação ao *corpus*, divididos em dois grupos: (i) clíticos adjungidos a um único verbo e (ii) clíticos adjungidos a um complexo verbal.

- Grupos de fatores observados quando o clítico pronominal estava adjunto a uma lexia verbal simples

Observaram-se: 1) tipo de clítico; 2) função do clítico; 3) formas verbais; 4) tipo de verbo, do ponto de vista lógico-semântico; 5) presença ou ausência de elemento proclisador na oração; e, 6) verbo hospedeiro do pronome clítico em início, ou não início, absoluto na oração.

- Grupos de fatores observados quando o clítico pronominal estava adjunto a um complexo verbal

Além de alguns dos grupos de fatores citados acima – *tipo de clítico, função sintática do clítico, presença (ou ausência) de possível proclisador na oração* e, agora, complexo verbal hospedeiro do pronome clítico em *início (ou não início) absoluto na oração* –, foram controlados outros quanto à posição do clítico pronominal em relação a mais de um verbo, tais como: i) forma verbal do primeiro verbo; ii) forma verbal do segundo verbo; iii) presença ou ausência de elemento interveniente entre os verbos do complexo verbal; e, iv) tipo do complexo verbal.

Descrição dos principais resultados

Os resultados apresentados foram quantificados pelo programa Goldvarb X (Sankoff, Tagliamonte, Smith, 2005). Deve-se mencionar que, embora tenham sido consideradas nas análises todas as variáveis independentes extralinguísticas e linguísticas mencionadas acima, privilegia-se, neste texto, quanto aos contextos em que o clítico estava adjungido a um único verbo, a descrição dos dados relacionados às variáveis independentes apontadas, pelo tratamento estatístico realizado pelo programa, como as que atuaram de forma mais relevante sobre a posição dos pronomes clíticos.

No que concerne às ocorrências de complexos verbais, discutem-se somente os dados provenientes das variáveis *gênero textual; forma verbal de V2; presença ou ausência de elemento proclisador na oração e tipo de complexo verbal*. Por serem análises restritas a cálculos de frequência – uma vez que a análise de multivariância só é

possível quando houver arquivado um conjunto de resultados com um valor de aplicação binário –, seguidas dos devidos cruzamentos das variáveis entre si, a variável gênero textual se mostrou a mais significativa e, quanto às variáveis independentes linguísticas mencionadas, revelaram-se as mais interferentes no posicionamento do pronome clítico.⁸

Na tabela a seguir são mostrados os números de ocorrências dos clíticos pronominais, de acordo com os contextos – lexias verbais simples e complexos verbais – em que foram averiguados, num total de 3.248 dados.

Tabela 1 – Distribuição geral das ocorrências de clíticos pronominais

	Jornais/São Paulo
Lexias verbais simples	2.785
Complexos verbais	463
Total	3.248

Próclise x ênclise

Como apresentado na tabela acima, do total de 3.248 clíticos pronominais encontrados, 2.785 estavam adjuntos a um único verbo, dividindo-se em 983 (35,3%) pronomes que ocupavam a posição pré-verbal e 1.802 (64,7%) clíticos em posição pós-verbal.

Variável gênero textual

Foram elencados os seguintes gêneros textuais, como descrito anteriormente: *edital*, *editorial*, *notícia*, *nota*, *comentário*, *aviso*, *artigo*, *resenha* (ou *crítica*), *crônica*, *carta do leitor*, *anúncio* e *classificado*. Segundo os traços peculiares desses gêneros textuais, esperava-se observar realidades diversas, em cada um deles, isto é, ora a

⁸ Para outras informações relacionadas aos grupos de fatores aqui não detalhados, ver Biazolli (2010).

predominância do pronome enclítico ora a do pronome proclítico, de acordo com o gênero textual averiguado.

Acreditava-se que os gêneros *edital*, *notícia* e *aviso*, embora em escalas diferentes – já que o *edital*, por exemplo, em consequência da sua função essencial de documento oficial, caracteriza-se pelo seu caráter demasiadamente rígido –, assegurassem, como resultado de suas estruturas organizacionais e de seus conteúdos detalhados, um uso mais representativo da forma (em geral considerada conservadora, a ênclise).

Quanto aos gêneros *anúncio* e *classificado*, esperava-se que, embora possibilitem aos indivíduos maior liberdade de criação, devido à diversidade de temas que abrangem, aparecessem redigidos, quase invariavelmente, sob as mesmas formas, privilegiando, também, a colocação enclítica.

Por outro lado, esperava-se nos gêneros textuais *editorial*, *artigo*, *resenha* (ou *crítica*), *crônica* e *carta do leitor* a incorporação de usos linguísticos variados, destacando-se a posição pré-verbal. Tal apontamento, no caso do gênero *editorial*, deu-se por sua característica de apresentar ao leitor determinado acontecimento e persuadi-lo a adotar a sua opinião, utilizando-se de formas mais usuais, e, quanto aos demais gêneros – *artigo*, *resenha* (ou *crítica*), *crônica* e *carta do leitor* –, por poderem retratar os assuntos mais diversos e por apresentarem finalidades as mais distintas, salientando-se, muitas vezes, características associadas ao próprio escritor.

Por fim, no que concerne aos gêneros *nota* e *comentário*, considerando-se o dinamismo e a brevidade de seus textos e apostando na transmissão clara e direta de determinada mensagem, presumiu-se maior aceitação da próclise; no entanto, acentuou-se, também, a possibilidade da verificação da ênclise, destacando-se a intenção de quem os produz e, conseqüentemente, o uso de formas mais rebuscadas.

Os resultados obtidos, em relação à posição dos pronomes clíticos, de acordo com os gêneros textuais, podem ser apurados na tabela seguinte.

Tabela 2⁹ – Número de ocorrências, percentuais e pesos relativos dos pronomes clíticos, de acordo com os gêneros textuais

	Próclise			Ênclise			Total	
	N	%	PR	N	%	PR	N	%
Resenha	29	72.5	0.859	11	27.5	0.141	40	1.5
Editorial	65	65	0.832	35	35	0.168	100	3.7
Artigo	57	60.6	0.830	37	39.4	0.170	94	3.5
Carta do leitor	144	57.1	0.783	108	42.9	0.217	252	9.3
Comentário	20	51.3	0.722	19	48.7	0.278	39	1.4
Aviso	104	49.1	0.702	108	50.9	0.298	212	7.9
Edital	78	42.9	0.639	104	57.1	0.361	182	6.7
Notícia	249	41	0.620	358	59	0.380	607	22.5
Nota	97	28.4	0.493	245	71.6	0.507	342	12.7
Anúncio	73	18.9	0.356	314	81.1	0.644	387	14.3
Classificado	12	2.7	0.062	435	97.3	0.938	447	16.5
Total	928	34.3		1774	65.7		2702	

Identificou-se significativa relação entre as considerações, descritas acima, e os resultados averiguados.

Quanto aos dados dos gêneros *edital*, *notícia* e *aviso* – ainda que o último tenha apresentado uma diferença bastante comedida entre as ocorrências de próclise e ênclise (cf. Tabela 2) –, pôde-se dizer que confirmaram a tendência de que a ênclise prevalece em textos com estrutura e papel a desempenhar mais cuidadosos, sendo produzidos, então, com maior monitoramento. No entanto, os pesos relativos apontaram para a próclise.

Os resultados provenientes dos gêneros *editorial*, *artigo*, *resenha* e *carta do leitor* permitiram afirmar a predominância da próclise em textos que, muitas vezes, principalmente de acordo com os temas que retratam, procuram construir um lugar de familiaridade para a relação enunciador/enunciatário, qualificando-se como mais subjetivos.

9 O gênero *crônica* foi encontrado no periódico de 1920. Por estar presente apenas em um exemplar, foi desconsiderado da análise.

O fato dos gêneros *anúncio* e *classificado* terem apresentado predomínio relevante do uso do pronome enclítico – no caso do *classificado*, a posição pós-verbal foi praticamente categórica, apresentando tendência ao uso da próclise de apenas 0.062 – corroborou a ideia de possuírem certo grau de rigidez, através do uso de expressões cristalizadas.

O comportamento dos gêneros *nota* e *comentário* revelou orientações diversas. No gênero *nota*, as frequências indicaram expressiva diferença entre os usos dos pronomes proclíticos e enclíticos e, no gênero *comentário*, assinalaram representativo equilíbrio entre eles. Quanto aos pesos relativos, naquele gênero se notou uma tendência discreta à ênclise (0.507) e, neste, notável significância da próclise (0.722). Desses resultados, portanto, pôde-se dizer que esses fatores não se mostraram relevantes, por si sós, para explicar a variação.¹⁰

Variáveis presença ou ausência de elemento proclisador, formas verbais e verbo hospedeiro em início, ou não início, absoluto na oração

Quanto ao controle das variáveis independentes linguísticas, fez-se um recorte na amostra de dados analisados, compondo-se, assim, uma subamostra com 495 dados.

As primeiras rodadas apresentaram *knockouts*, excluídos posteriormente. Assim, no total, para as análises em função das variáveis independentes linguísticas, foram computados 441 usos de pronomes clíticos.

A variável presença/ausência de atrator se mostrou, como previsto, um relevante controlador da ordem dos clíticos pronominais, selecionada como o grupo de fatores mais significativo para a motivação da colocação pronominal. O comportamento dos clíticos variou, consideravelmente, segundo a existência, na oração, de um elemento proclisador. Quando não presente, o uso do pronome

10 Para outras informações, referentes aos resultados da variável *gênero textual* relacionados a contextos linguísticos, ver Biazolli (2010).

enclítico, no maior número dos casos, foi a opção escolhida, revelando, assim, maior obediência à norma-padrão vigente naquela época.

A tabela a seguir apresenta os resultados mais bem detalhados.

Tabela 3 – Número de ocorrências, percentuais e pesos relativos dos pronomes clíticos, de acordo com a presença ou ausência de elemento proclisador na oração

	Próclise			Ênclise			Total	
	N	%	PR	N	%	PR	N	%
Presença	124	67.8	0.816	59	32.2	0.184	183	41.5
Ausência	13	5	0.258	245	95	0.742	258	58.5
Total	137	31.1		304	68.9		441	

Ressaltou-se, entretanto, o fato de terem aparecido casos em que se optou pelo uso do pronome enclítico, mesmo com a presença do elemento proclisador – como visto nos exemplos de 06 a 07, em que o elemento atrator do pronome clítico aparece sublinhado.

(06) [...] conta a Província de São Paulo fazer da sua independencia o apanagio de sua força e a medida da severa moderação, sisudez, franqueza, lealdade e criterio em que fundará o salutar prestígio a que destina-se a imprensa livre e consciente. (*A Província de São Paulo*, São Paulo, 1880)

(07) No caso de não terminar-se o leilão, continuará no dia immediato ás 10 ½ pa manhã. (*A Província de São Paulo*, São Paulo, 1885)

Deve-se lembrar que, na história do português, sempre houve a obrigatoriedade, prescrita nos compêndios gramaticais, de se utilizar a próclise em contextos com uma série de elementos – partículas negativas, pronomes indefinidos, interrogativos e relativos, conjunções subordinativas e coordenativas, advérbios, preposições e orações optativas – que ficaram assim nomeados *operadores de próclise*.

Uma primeira impressão, quanto aos casos de ênclise mesmo na presença de proclisadores, é a de que seriam fruto de hipercorreção, ou seja, uma tentativa de chegar à gramática alvo, cujo funcionamento estilístico, no período, apontaria para a ênclise.

Uma vez que a ênclise era tida, e por uma maioria ainda hoje é conservada, como a posição normal dos pronomes átonos, inclusive quando o sujeito viesse imediatamente antes do verbo, em orações afirmativas, evidenciou-se, também, uso proclítico em contextos em que não havia a presença do elemento proclisador (cf. exemplos 08 e 09).

(08) A alternativa, no entanto, *se dissipa* logo no contexto irrefragável do livro [...]. (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 1910)

(09) O sabonete Rifger, conhecido ha mais de 10 annos, *se impõe* como o melhor para o banho [...]. (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 1915)

Desse modo, puderam-se apontar inovações referentes à norma padrão vigente naquela época e que vigora até os dias atuais.

Sobre a variável *formas verbais*, destacou-se o seu aparecimento como a segunda mais relevante para a motivação da colocação pronominal.

Os resultados são apresentados a seguir.

Tabela 4 – Número de ocorrências, percentuais e pesos relativos dos pronomes clíticos, de acordo com as formas verbais

Formas Verbais	Próclise			Ênclise			Total	
	N	%	PR	N	%	PR	N	%
Pretérito Imperfeito do Indicativo	14	87.5	0.999	2	12.5	0.001	16	3.6
Pretérito Perfeito do Indicativo	31	47.7	0.589	34	52.3	0.411	65	14.7
Presente do Indicativo	76	28.3	0.530	193	71.7	0.470	269	61
Gerúndio	3	7	0.204	40	93	0.796	43	9.8
Infinitivo	13	27.1	0.109	35	72.9	0.891	48	10.9
Total	137	31.1		304	68.9		441	

Os dados pertencentes aos jornais paulistanos considerados na referida rodada foram constituídos apenas de verbos do *modo indicativo*, tempos *presente*, *pretérito perfeito* e *pretérito imperfeito* e *formas nominais* – *infinitivo* e *gerúndio*. Os resultados, quanto aos verbos do *modo indicativo*, revelaram usos equilibrados de ambas as posições – proclítica e enclítica –, exceto para o tempo *pretérito imperfeito*, marcado por um índice elevadíssimo de significância, 0.999, para a ocorrência da próclise. Quanto às *formas nominais*, mostraram-se motivadoras, principalmente o *infinitivo*, para o uso do pronome em posição pós-verbal.

Convém ressaltar, ainda, que, na primeira rodada, dados referentes aos tempos *presente*, *pretérito* e *futuro* do *subjuntivo*, *futuro do presente* do *indicativo* e *imperativo afirmativo* foram registrados. Os clíticos adjungidos a verbos nos tempos do *modo subjuntivo* ocorreram em posição pré-verbal, de forma absoluta, como o esperado, uma vez que apresentam natureza subordinativa, ocorrendo, também, em orações que exigem conjunções e palavras QU, típicos atratores. Foram coletados quinze dados referentes ao *presente do subjuntivo*, seis ao *pretérito do subjuntivo* e quatro concernentes ao *futuro do subjuntivo*.

Quanto ao *futuro do presente do indicativo*, observou-se, a partir de oito dados, o uso quase categórico da próclise, podendo-se – ainda que em sete dos dados coletados houvesse a presença de algum elemento proclisador – interpretá-lo como uma solução para a tendência de se evitar a mesóclise. O fato de se escolher a próclise, e não a ênclise, ainda revelou e confirmou a opção do português brasileiro pelo pronome proclítico.

A posição enclítica, por outro lado, foi claramente definida como a posição preferida quando o clítico estava adjunto a um verbo no *imperativo afirmativo*, notando-se essa realização nos catorze dados encontrados. Observou-se que o contexto de verbo hospedeiro do pronome clítico em início absoluto na oração ocorreu em todos esses dados.

E, por fim, outra importante variável, decisiva para o comportamento dos clíticos pronominais, visto que foi selecionada como a terceira mais relevante, foi a *posição, inicial ou não, do verbo* ao qual o pronome estava adjungido na oração.

Em início absoluto, verificou-se a realização quase categórica do pronome enclítico, assim como é prescrito nos estudos normativos; e, em não início absoluto, observou-se a possível alternância entre próclise e ênclise, 56.4% e 43.6%, respectivamente, conforme indicado na tabela a seguir. Quanto ao peso relativo, em relação a não início absoluto, mostrou-se a significativa tendência ao uso da próclise.

Tabela 5 – Número de ocorrências, percentuais e pesos relativos dos pronomes clíticos, de acordo com o verbo hospedeiro do pronome clítico em início, ou não início, absoluto na oração

	Próclise			Ênclise			Total	
	N	%	PR	N	%	PR	N	%
Não início	136	56.4	0.952	105	43.6	0.048	241	54.6
Início	1	0.5	0.027	199	99.5	0.973	200	45.4
Total	137	31.1		304	68.9		441	

Quanto a esta variável, ainda se destacou o aparecimento, embora em número muito restrito, apenas um dado, do pronome proclítico em início absoluto na oração, como exemplificado abaixo.

(10) Quer louvando, quer censurando, *se esforçará* sempre a Província de S. Paulo por ser justa: é este um dever que ella se impõe em virtude de suas condições de folha diaria [...]. (*A Província de São Paulo*, São Paulo, 1880)

Tal comportamento, transgredindo os preceitos impostos pelas instituições normativas, apontou, como já sabido, um caráter relevante, e inovador, da realidade linguística do português brasileiro: o uso da próclise em primeira posição na oração, produto de uma norma linguística brasileira.

cl V1 V2 x V1 cl V2 x V1 V2 cl

Encontrou-se um total de 463 dados, distribuídos da seguinte maneira: 199 vezes (43%) o clítico estava em posição pré-complexo verbal – cl V1 V2 –, 118 (25,5%) vezes em posição intra complexo

verbal – V1 cl V2 – e 146 (31, 5%) vezes enclítico ao V2, isto é, em posição pós-complexo verbal – V1 V2 cl.

Variável gênero textual

As ponderações feitas para a análise da colocação pronominal de acordo com os gêneros textuais referentes aos pronomes clíticos adjungidos a lexias verbais simples se repetiram quando observados os pronomes em contextos de complexos verbais. Apostaram-se, de modo geral, no uso mais acentuado da posição cl V1 V2 nos gêneros *edital*, *notícia*, *aviso*, *anúncio* e *classificado*, na predominância, nos gêneros *editorial*, *artigo*, *crônica* e *carta do leitor*, das posições V1 cl V2 e V1 V2 cl e, nos gêneros *nota* e *comentário*, a alternância equilibrada das três variantes, de acordo com os pressupostos, acerca dos gêneros textuais, e em particular dos gêneros textuais jornalísticos, discorridos durante este texto.

Os resultados se encontram na tabela seguinte.

Tabela 6^{11,12} – Número de ocorrências e percentuais dos pronomes clíticos em complexos verbais, de acordo com os gêneros textuais

	Pré-CV		Intra-CV		Pós-CV		Total (N – %)	
Edital	N-28	%-63.6	N-12	%-27.3	N-4	%-9.1	44	10
Notícia	N-50	%-45.5	N-28	%-25.5	N-32	%-29.1	110	25.2
Aviso	N-11	%-22.4	N-15	%-30.6	N-23	%-46.9	49	11.2
Anúncio	N-16	%-33.3	N-16	%-33.3	N-16	%-33.3	48	11
Classificado	N-5	%-18.5	N-12	%-44.4	N-10	%-37	27	6.2
Editorial	N-17	%-73.9	N-3	%-13	N-3	%-13	23	5.2
Artigo	N-12	%-60	N-1	%-5	N-7	%-35	20	4.6
Carta do Leitor	N-26	%-44.8	N-13	%-22.4	N-19	%-32.8	58	13.3
Nota	N-14	%-29.2	N-11	%-22.9	N-23	%-47.9	48	11
Comentário	N-4	%-40	N-3	%-30	N-3	%-30	10	2.3
Total	N-183	%-41.9	N-114	%-26.1	N-140	%-32	N-437	

11 Ainda foram encontrados, no ano de 1915, o gênero Entrevista e, no ano de 1920, o gênero Crônica. Por estarem presentes apenas em um exemplar, foram desconsiderados da análise.

12 A célula que apresentou menos de dez dados, referente ao gênero Resenha ou Crítica, com somente quatro dados, foi desprezada.

Houve pouca, ou quase nenhuma, correlação entre as ideias propostas e os resultados averiguados quanto à colocação dos pronomes clíticos, de acordo com os gêneros textuais, em complexos verbais.

Notaram-se, apenas nos gêneros *edital* e *notícia*, os comportamentos esperados, isto é, o uso mais acentuado dos pronomes clíticos em posição cl V1 V2. Ainda, quanto ao *edital*, notou-se, nele, o menor índice de uso do pronome posposto ao verbo principal, apenas 9,1%.

Os textos do gênero *aviso* apresentaram, em maior número de ocorrências, os clíticos pronominais nas posições V1 V2 cl e V1 cl V2, na devida ordem. Quanto aos gêneros *anúncio* e *classificados*, pôde-se dizer que, naquele, houve números de ocorrências idênticos para as três posições dos pronomes clíticos – 16 dados que representaram 33.3% –; neste, a posição V1 cl V2 foi considerada a mais produtiva. Ressaltou-se o fato de esses dois gêneros apresentarem as maiores frequências quanto à variante intracomplexo verbal.

Nos gêneros textuais em que se esperava averiguar, devido às suas características, usos mais acentuados das posições, possivelmente, tidas como as construções menos normativas, a saber: *editorial*, *artigo* e *carta do leitor*, revelou-se, ao contrário, como predominante o uso do pronome em posição cl V1 V2, com frequências de 73.9%, 60% e 44.8%, respectivamente. No entanto, quanto ao gênero *carta do leitor*, os índices das três posições se aproximaram das frequências de uso geral dos clíticos pronominais nas posições cl V1 V2, V1 cl V2 e V1 V2 cl.

Quanto aos gêneros *nota* e *comentário*, os clíticos pronominais apareceram em maior número, no primeiro, em posição V1 V2 cl e, no segundo, em posição cl V1 V2. Ainda assim, verificaram-se frequências da posição V1 cl V2 próximas, de certo modo, do índice geral observado por essa posição.

Variáveis forma verbal de V2, presença ou ausência de elemento proclisador na oração e tipo de complexo verbal

De acordo com a forma verbal de V2, observaram-se os seguintes comportamentos dos clíticos pronominais:

Tabela 7 – Número de ocorrências e percentuais da colocação dos pronomes clíticos em complexos verbais, de acordo com a forma verbal de V2

Forma Verbal de V2	Pré-CV		Intra-CV		Pós-CV		Total (N – %)	
	Infinitivo	N-114	%-33.2	N-83	%-24.2	N-146	%-42.6	343
Gerúndio	N-6	%-54.5	N-5	%-45.5	N-0	%-0	11	2.4
Particípio	N-79	%-72.5	N-30	%-27.5	N-0	%-0	109	23.5
Total	N-199	%-43	N-118	%-25.5	N-146	%-31.5	N-463	

Pôde-se mencionar, em relação à posição do clítico quando adjujado a um complexo verbal com o V2 na forma de *particípio*, a inexistência de dados que apontassem esse pronome em posição V1 V2 cl, confirmando-se a produtividade de algumas prescrições gramaticais que, para esse caso, ditam a obrigatoriedade de não deslocar o clítico pronominal para depois de um verbo principal quando este estiver no *particípio*.

Quanto à forma *infinitivo*, novamente, os resultados, de um modo geral, pareceram mostrar consentimento aos preceitos expressos pelos compêndios gramaticais, a saber: (i) quando o verbo principal estiver no infinitivo, sempre usar a ênclise ao infinitivo e (ii) quando ocorrem as condições exigidas para a anteposição do pronome a um só verbo, deve-se recorrer à próclise ao verbo auxiliar.

Assim, evidenciaram-se as preferências, com V2 na forma de *infinitivo*, pelas posições V1 V2 cl, cl V1 V2 e V1 cl V2, nessa ordem. Observou-se que, mesmo com a presença, em muitos casos, de um elemento proclisador na oração, ainda foi nítida a produtividade da posição V1 V2 cl – assim como mostra o exemplo 11 abaixo. No entanto, ainda se constataram, dentre os 114 dados em posição cl V1 V2, as presenças de elementos proclisadores em 109 orações.

(11) O abaixo assignado vem declarar ao publico e aos seus amigos, que deixou de ser empregado da casa acima, por não *poder entender-se*, com o proprietario [...]. (*A Província de São Paulo*, São Paulo, 1880 – gênero Aviso)

Sobre a forma *gerúndio*, notou-se um número bastante restrito de registros, ainda mais se observados os números de casos das

formas *infinitivo* (343) e *particípio* (109). Os dados, nos casos com V2 *gerúndio*, apareceram distribuídos de forma equilibrada entre as posições cl V1 V2 (54.5%) e V1 cl V2 (45.5%). Nenhum dado com o clítico em posição V1 V2 cl, nesse contexto, foi encontrado.

Mostrou-se relevante, motivando para determinada posição do clítico pronominal na oração, a *presença ou ausência de elemento proclisador*. Quando presentes, os elementos proclisadores condicionaram a colocação da variante cl V1 V2 e, quando ausentes, observou-se o aumento da produtividade das outras duas variantes – V1 cl V2 e V1 V2 cl.

Os resultados gerais podem ser verificados na tabela seguinte.

Tabela 8 – Número de ocorrências e percentuais da colocação dos pronomes clíticos em complexos verbais, de acordo com a presença ou ausência de elemento proclisador na oração

	Pré-CV		Intra-CV		Pós-CV		Total (N – %)	
Presença	N-189	%-61.8	N-42	%-13.7	N-75	%-24.5	306	66.2
Ausência	N-10	%-6.4	N-75	%-48.1	N-71	%-45.5	156	33.8
Total	N-199	%-43.1	N-117	%-25.3	N-146	%-31.6	N-462 ¹	

Puderam ser assinalados, entretanto, casos em que, mesmo com a presença do elemento proclisador, o pronome clítico aparecia na posição V1 cl V2 ou na posição V1 V2 cl – como mostra o exemplo 12 abaixo, com o determinado atrator sublinhado.

(12) [...] um povo que se nutria principalmente de molluscos não devia estabelecer-se no interior [...]. (A *Província de São Paulo*, São Paulo, 1880 – gênero Artigo)

Por outro lado, encontraram-se dados em que os pronomes clíticos estavam em posição cl V1 V2 mesmo com a ausência de elementos proclisadores. Os exemplos, abaixo, indicam esse contexto.

(13) Em confirmação d'este asserto *me foi mostrado* este additamento [...]. (O *Estado de São Paulo*, São Paulo, 1890 – gênero Carta do Leitor)

(14) Todos os negocios *se podem tratar* directamente [...]. (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 1895 – gênero Anúncio)

Os exemplos, acima descritos (13 e 14), revelaram que ao lado das prescrições estabelecidas pela norma padrão vigente naquela época – e que ainda vigora atualmente –, no que concerne à colocação pronominal em contextos de complexos verbais, também, coexistiam outros usos. O exemplo 12 (e outras sentenças na mesma direção) foi de encontro à norma padrão, já que não seguiram a recomendação de que, com locuções verbais, utiliza-se próclise ao verbo auxiliar, quando presentes as condições exigidas para a anteposição do pronome a um só verbo, como é o caso da presença do elemento proclisador. Quanto ao exemplo 13, sem a presença de atratores do pronome, haveria ainda a possibilidade de o pronome átono aparecer entre os verbos, em posição V1 cl V2, uma vez que a colocação posposta a V2 no *participio* não é permitida. Por fim, no exemplo 14, também ocorreu uso diverso ao que segue o caráter normativo, dado que, em orações com verbo principal no *infinitivo* ou no *gerúndio*, sem a presença do elemento proclisador, preceituava-se a ênclise ao verbo principal.

Os resultados referentes à colocação pronominal na oração de acordo com o tipo de complexo verbal estão distribuídos na Tabela 9.

Tabela 9 – Número de ocorrências e percentuais da colocação dos pronomes clíticos em complexos verbais, de acordo com o tipo de complexo verbal

Tipo de CV	Pré-CV		Intra-CV		Pós-CV		Total (N – %)	
	Passiva do verbo ser	N-34	%-87.2	N-5	%-12.8	N-0	%-0	39
Tempos compostos e estruturas aspectuais	N-56	%-56	N-31	%-31	N-13	%-13	100	21.6
Perífrases verbais modais e aspectuais	N-52	%-33.5	N-24	%-15.5	N-79	%-51	155	33.5
Complexos bioracionais	N-57	%-33.7	N-58	%-34.3	N-54	%-32	169	36.5
Total	N-199	%-43	N-118	%-25.5	N-146	%-31.5	N-463	

Quanto ao tipo *passiva do verbo ser*, prevaleceu a posição cl V1 V2, com índice de 87.2%. Na sequência, foi registrada a preferência pela posição V1 cl V2. Pela forma verbal de V2, nessas construções, ser a do *particípio*, e pela vigorosa restrição imposta à posposição do pronome a essa forma verbal, não houve nenhum registro do pronome clítico em posição V1 V2 cl, quando adjungido a esse tipo de complexo. Dos 34 dados em posição cl V1 V2, em 28 houve a presença, na oração, de algum elemento proclisador.

Com o tipo *tempos compostos e estruturas aspectuais*, os pronomes clíticos, de modo mais acentuado, posicionaram-se antepostos ao verbo. Dos 56 dados observados, 45 apresentaram V2 em *particípio*, 6 em *infinitivo* e 5 em *gerúndio*. Ainda, quanto a esses registros, em 52 foi verificada a presença de algum elemento proclisador.

Quando os clíticos estavam adjungidos a complexos verbais do tipo *perífrases verbais modais e aspectuais*, tais pronomes foram motivados a ocupar a posição V1 V2 cl, ainda que houvesse em algumas orações a presença do elemento proclisador, como averiguado em 42 dados, de um total de 79. Os resultados encontrados nessa posição, e com esse tipo de complexo verbal, apresentaram-se todos com V2 na forma de *infinitivo*.

Finalmente, referente ao tipo *complexos bioracionais*, observaram-se índices de frequência bastante equilibrados entre as três referidas variantes. Os pronomes clíticos apareceram 33,7% na posição cl V1 V2, 34,3% na posição V1 cl V2 e, na posição V1 V2 cl, 32%. Do total de 57 dados, em posição cl V1 V2, em 55 houve a presença de algum elemento proclisador e, nos 57 registros, V2 está sob a forma de *infinitivo*. Os dados em posição V1 cl V2, numa soma de 58, apresentaram-se todos com V2 no *infinitivo*, assinalando-se algum atrator em apenas *dezessete* orações. O clítico pronominal foi encontrado em posição V1 V2 cl 54 vezes, estando V2 sob a forma de *infinitivo* em todos os registros; enquanto o elemento proclisador, este esteve presente em 25 orações.

De acordo com os resultados apresentados, pôde-se dizer que as correlações entre esta variável e as variáveis *forma verbal de V2*, principalmente, e *presença ou ausência de atrator* foram relevantes.

Palavras finais

Constatou-se, referente aos condicionamentos extralingüísticos, maior significância da interferência da variável *gênero textual* na colocação pronominal.

A hipótese, relacionada ao comportamento dos clíticos pronominais nos gêneros do jornal, de que nos textos jornalísticos possam circular construções lingüísticas conservadoras e inovadoras, privilegiando-se, respectivamente, ora as posições pós-verbal, em contextos de um único verbo, e pré-complexo verbal, em contextos de mais de um verbo, ora as posições pré-verbal e intra ou pós-complexo verbal, diretamente estabelecidas segundo qual gênero textual determinado texto materializa, fez que houvesse detalhada caracterização dos gêneros textuais. Os resultados obtidos a partir dessa análise, envolvendo gêneros textuais, mostraram-se bastante significativos, revelando a pertinência da consideração das relações entre variação, mudança lingüística e gêneros textuais na investigação dos processos ocorridos na história de uma língua. Entretanto, percebeu-se, ainda, a necessidade de um maior aprofundamento em busca de traços que melhor definam as naturezas dos gêneros textuais, uma vez que ainda são poucas as discussões, no meio acadêmico, que retratam essa questão, a fim de que sejam somadas, cada vez mais, informações que possam auxiliar na interpretação, mais fidedigna, dos resultados.

Considerando-se a subamostra composta para a análise das variáveis independentes lingüísticas, quanto aos clíticos pronominais adjuntos a lexias verbais simples, destacaram-se os resultados provenientes das variáveis *presença ou ausência de elemento proclisador na oração, formas verbais e verbo hospedeiro em início, ou não início, absoluto na oração*. Quanto aos clíticos pronominais adjungidos a complexos verbais, discutiram-se os dados referentes às variáveis *forma verbal de V2, presença ou ausência de elemento proclisador na oração e tipo de complexo verbal*.

Os dados puderam revelar, ainda que somente por um número restrito de traços inovadores perante o conservadorismo da norma

padrão, uma das características de qualquer língua, a de que é ilimitadamente heterogênea, apresentando um conjunto de normas linguísticas e o inevitável contato entre essas muitas normas, distintas segundo aspectos sociais, culturais e ideológicos e, também, questões referentes às situações comunicativas.

Desse modo, ainda que se tenha assegurado, por parte das elites brasileiras, principalmente na segunda metade do século XIX, a criação de um projeto político que visava à construção de uma nação que se aproximasse, ao máximo, das realidades vivenciadas nos países europeus, estendendo-se, também, essa obsessão à língua materna, buscando-se uma identidade linguística além-mar, observou-se, já naquela época, através dos usos dos falantes, características próprias do português brasileiro.

Outro ponto a ser destacado é a relevância do uso de textos jornalísticos como fonte de dados para o estudo de processos de variação e mudança linguísticas, confirmando-se, como exposto neste estudo, a sua riqueza para que seja observada a mútua ligação entre o que “se deve dizer”, resultado da norma linguística prescritiva, a de prestígio, e o que “é dito”, produto da(s) norma(s) objetiva(s), intrínsecas aos falantes.

Concluiu-se, portanto, que, a partir do levantamento de todas as variáveis – extralinguísticas e linguísticas – discutidas no correr deste estudo, a presente investigação pôde contribuir com a descrição da variedade do Português Paulista, assinalando, concomitantemente, um avanço em relação aos estudos já existentes sobre esta mesma temática – a posição dos clíticos pronominais.

Referências bibliográficas

- ALKMIM, T. M. Sociolinguística – Parte I. In: MUSSALIM, F; BENTES, A. C. *Introdução à linguística – domínios e fronteiras*. vol. 1. São Paulo: Cortez, 2001. p.22-47.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992 [1979].

- BLAZOLLI, C. C. *Clíticos pronominais no português de São Paulo: 1880 a 1920 – uma análise sócio-histórico-lingüística*. Araraquara, 2010. 230 fls. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2010.
- BONINI, A. Veículo de comunicação e gênero textual: noções conflitantes. *DELTA – Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 19, n. 1, p.65-89, 2003.
- _____. Em busca de um modelo integrado para os gêneros do jornal. In: CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P. (org.). *Gêneros textuais e referenciação*. CD-rom. Fortaleza: PPGL/UFC, 2004.
- _____. Os gêneros do jornal: questões de pesquisa e ensino. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (orgs.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p.57- 71.
- FIORIN, L. J. Os gêneros do discurso. In: _____. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2008. p.60-76.
- LABOV, W. *The Social Stratification of English in New York City*. Washington. D. C.: Center for Applied Linguistics, 1966.
- LABOV, W. Building on Empirical Foundations. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (org.). *Perspectives on historical linguistics*. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1982.
- _____. *Principles of linguistic change*. Vol. 1: Internal factors. Cambridge: Blackwell, 1994.
- _____. *Principles of linguistic change*. Vol. 2: Social factors. Cambridge: Blackwell, 2001.
- _____. *Padrões sociolingüísticos*. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].
- MARCUSCHI, L. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p.19-36.
- _____. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (orgs.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p.23-36.
- _____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.
- SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. *Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows*. Toronto: Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

WEINREICH, V.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].